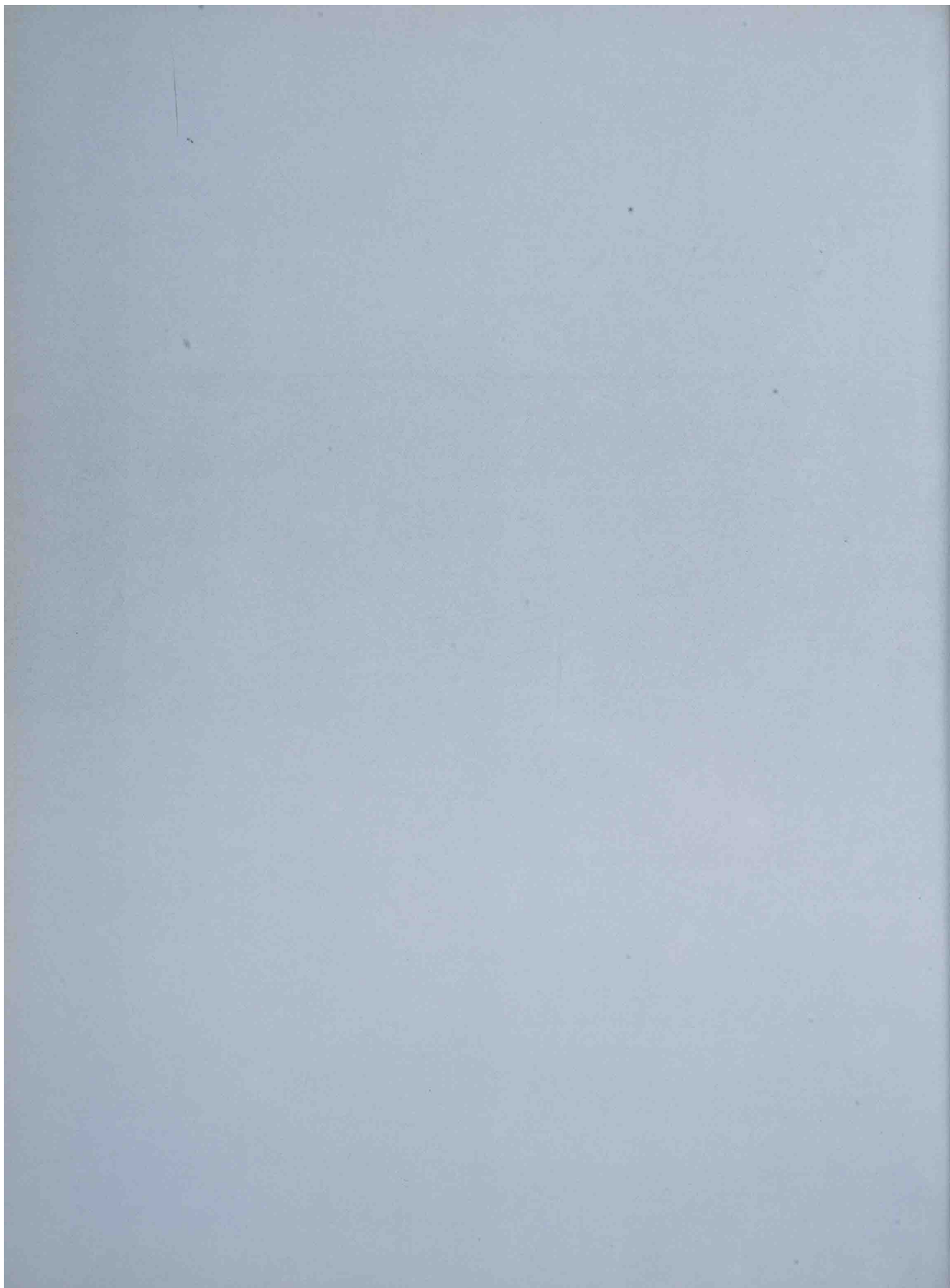


SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

Temporada

Quarteto Beethoven
de Roma



SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA



Istituto Italiano di Cultura

apresentam

Quarteto
Quarteto Beethoven de Roma

Felix Ayo, *violino*

Alfonso Ghedin, *viola*

Mihai Dancila, *violoncelo*

Carlo Bruno, *piano*

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA

MINISTÉRIO
DA CULTURA

patrocínio



Banco Safra
Projeto Cultural

promoção

ELDORADO
FM
92,9

Quarteto Beethoven de Roma

Fundado em 1970, ano do bicentenário do nascimento de Beethoven, o Quarteto Beethoven de Roma concentra-se num segmento relativamente pouco conhecido, mas de extraordinária riqueza, da música de câmara: o das obras para arcos e piano, formação para a qual grandes compositores da música do Ocidente escreveram páginas de grande beleza.

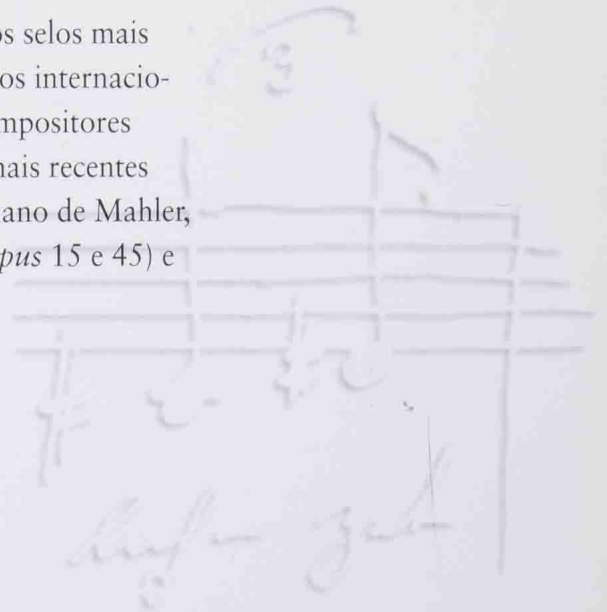
Desde suas primeiras apresentações, ainda no início dos anos 70, o Quarteto Beethoven de Roma afirmou-se como uma das mais importantes formações de seu gênero, impondo-se à atenção do público e da crítica especializada do mundo todo. Sobre o conjunto, a crítica argentina chegou a afirmar que por sua “musicalidade, seu rigor, sua cultura, sua sensibilidade, sua eficiência – e a enumeração de virtudes poderia estender-se –, o Quarteto Beethoven de Roma é não apenas um soberbo instrumento musical, mas um expoente de civilização.”

Presença constante nas melhores salas musicais e convidado de festivais como os de Berlim, Pesaro e Ravenna, o Quarteto Beethoven de Roma vem realizando turnês que tem levado sua música a toda a Europa e a países como Rússia, Japão, Estados Unidos, Canadá,



Brasil e Austrália, onde há diversos anos apresenta-se nas principais cidades daquele continente. Dentre as atividades pedagógicas desenvolvidas pelo Quarteto Beethoven de Roma destacam-se cursos e *master classes* em inúmeras cidades italianas, na *Victoria University* de Vancouver, no *Royal College of Music* de Sidney e na *Musikschule* de Friburgo.

A discografia do Quarteto, registrada para alguns dos selos mais importantes do mundo e detentora de diversos prêmios internacionais, inclui álbuns dedicados à obra de câmara de compositores como Mozart, Beethoven e Schumann. Dentre suas mais recentes gravações destacam-se os Quartetos para Cordas e Piano de Mahler, Strauss, Brahms (*Opus 25, 26 e 60*), Reger, Fauré (*Opus 15 e 45*) e Schumann (*Opus 47*).



Felix Ayo, *violino*

Nascido na Espanha, formou-se em violino aos quatorze anos e depois de conquistar o Prêmio *Ibáñez de Bertolaza* aperfeiçoou-se em Paris, Siena e Roma. Um dos membros criadores do conjunto *I Musici*, com o qual fez inúmeras turnês mundiais e gravou discos consagrados pela crítica internacional, Felix Ayo, ao lado de Alfonso Ghedin, Enzo Altobelli e Carlo Bruno, fundou o Quarteto Beethoven de Roma em 1970. Além de integrar o Quarteto, Felix Ayo é professor do *Conservatorio di Santa Cecilia* de Roma e apresenta-se também como solista de concerto.

Alfonso Ghedin, *viola*

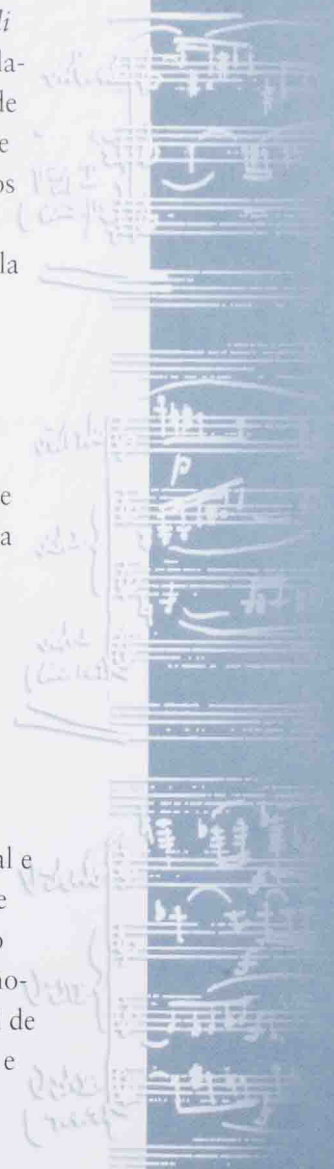
Natural da cidade de Treviso, Alfonso Ghedin é internacionalmente conhecido por sua brilhante atividade como solista e como integrante de famosos conjuntos de câmara. Por dez anos foi “primeira viola solista” do conjunto *I Musici*, posteriormente ocupou a mesma posição no *ensemble I Virtuosi di Roma* e, ao lado de Felix Ayo, Enzo Altobelli e Carlo Bruno, é um dos fundadores do Quarteto Beethoven de Roma. Participou diversas vezes, ao lado de outros músicos de alto nível, da Semana de Música de Câmara de Nápoles e gravou, com o Maestro Claudio Abbado e *I Solisti della Scala*, a integral dos *Concertos de Brandemburgo* de Bach. Professor de violino e viola no *Conservatorio di Santa Cecilia*, Alfonso Ghedin é atualmente “primeira viola solista” da Orquestra Sinfônica da *Accademia di Santa Cecilia* de Roma.

Mihai Dancila, *violoncelo*

Integrante, desde 1967, do famoso Quarteto Acadêmico, com o qual vem se apresentando nas mais importantes salas musicais do mundo, Mihai Dancila uniu-se ao Quarteto Beethoven de Roma logo depois do falecimento do violoncelista Enzo Altobelli, um dos fundadores do conjunto.

Carlo Bruno, *piano*

Italiano de Nápoles, estudou com Vincenzo Vitale e Renato Parodi, diplomou-se em Piano e Composição pelo Conservatório de sua cidade natal e sagrou-se vencedor em inúmeros concursos pianísticos de prestígio. Além de pianista e membro fundador do Quarteto Beethoven de Roma, Carlo Bruno desenvolve também carreira como solista de concerto, tocando com as melhores orquestras italianas e internacionais, é professor no Conservatório Verdi de Milão e dedica-se ainda à composição, como autor de peças para orquestra e para conjuntos de câmara e de peças líricas para voz e piano.





Programa

26 DE MAIO – SEGUNDA-FEIRA, 21H

Primeira Parte

FRANZ SCHUBERT (1797 – 1828)

Trio para Cordas nº 1 em Si bemol maior, D.471

Allegro

WOLFGANG AMADEUS MOZART (1756 – 1791)

Quarteto com Piano em Sol menor, K.478

Allegro

Andante

Rondò

Segunda Parte

JOHANNES BRAHMS (1833 – 1897)

Quarteto nº 1 para Piano e Cordas em Sol menor, Opus 25

Allegro

Intermezzo – Allegro ma non troppo

Andante con moto

Rondò alla zingarese

PRÓXIMAS APRESENTAÇÕES

Orpheus Chamber Orchestra

Radu Lupu, *piano*

2 E 3 DE JUNHO

BEETHOVEN

Abertura “As Criaturas de Prometeu”

MOZART

Concerto para Piano e Orquestra nº 20
em Ré menor, K.466

SIBELIUS

Valse Triste

STRAVINSKY

Suíte *Pulcinella*

4 DE JUNHO

BEETHOVEN

Abertura “Coriolano”, Opus 62

BEETHOVEN

Concerto nº 4 para Piano e Orquestra
em Sol maior, Opus 58

SCHUBERT

A Morte e a Donzela (arranjo Mahler)

FRANZ SCHUBERT (1797 – 1828)

Trio para cordas nº 1 em Si bemol maior, D.471

Schubert era um jovem de 19 anos que ainda trabalhava na escola do pai quando, em setembro de 1816, começou a colocar no papel o seu primeiro trio para violino, viola e violoncelo. Deixou-o inacabado, algo que ainda aconteceria com muitas outras obras das várias fases da sua curta e trágica existência. Em 1816, época em que experimentou pela primeira vez abordar a formação de trio para cordas, escreveu dezenas de outras partituras. Por exemplo: os *lieder* *Amor's Macht* (O Poder do Amor), *Erinnerungen* (Recordações), as peças corais *An die Frühling* (À Primavera) e *Chor der Engel* (Coro dos Anjos), esta última sobre texto de Goethe, a Sinfonia Trágica em Dó menor (de número 4) e muita música sacra, como a Missa em Dó maior, um *Salve Regina*, um *Stabat Mater* e um *Magnificat*. Há que se lembrar ainda da Abertura em Si bemol menor, D.470, obra diretamente relacionada ao inacabado Trio nº 1. Jorrando música como um novo Mozart, ele já se mostrava particularmente inovador no domínio do *lied*, da canção com acompanhamento pianístico. Ao abordar formas maiores, entretanto, fossem elas sinfônicas ou camerísticas, continuava muito ligado aos modelos que escolhera com suprema intuição: Haydn, Mozart e Beethoven.

O Primeiro Trio em Si bemol comporta um *Allegro* inteiramente composto e um *Andante sostenuto*, interrompido depois de trinta e tantos compassos e, por isso, quase nunca apresentado em concerto. Escrito em forma-sonata que se alimenta de dois grupos de elementos contrastantes, o *Allegro* oscila entre o lirismo e a vontade de expressão viril e dramática.

Alfred Einstein já o chamou de “muito grandioso e um bocado mozarteano”.

WOLFGANG A. MOZART (1756 – 1791)

Quarteto com Piano em Sol menor, K.478

Quando Mozart completou o seu Quarteto em Sol menor, no dia 16 de outubro de 1785, ele vivia o auge da fama enquanto compositor e solista, em Viena, onde residia desde o começo da década. Nesse mesmo ano, dentre tantas outras obras-primas, produziu os Concertos para Piano nºs 20, 21 e 22, o oratório *Davidde*

Penitente, a Fantasia para Piano em Dó menor, a Sonata para Piano e Violino nº 41, os Quartetos para Cordas nºs 18 e 19, a Música Fúnebre Maçônica, a pequena ópera *Der Schauspiel Direktor* e a canção *Das Veilchen* (A Violeta), sobre o texto de Goethe. E, antes de completar o Quarteto em Sol menor, já trabalhava há alguns meses na ópera *As Bodas de Fígaro*.

Festejado como solista de piano, nada mais natural que ele colocasse em evidência esse instrumento em várias obras camerísticas do período 1784/1788. E, ao inaugurar um novo gênero em sua produção com o Quarteto em Sol menor, realizou aí o que estudiosos mais tarde denominariam como uma perfeita fusão do quarteto de cordas e do concerto para solista.

O Quarteto com Piano K.478 foi encomendado a Mozart pelo editor Hoffmeister, um companheiro da Maçonaria. Em uma pouco habitual tonalidade em menor, a obra foi julgada excessivamente difícil pelo público da época.

O fato é que a parte pianística, de execução tão difícil como a dos concertos, exigia um verdadeiro virtuose para a sua realização.

Mas também é verdade que o compositor soube, magistralmente, empregar o piano em pauta intimista e em perfeita integração aos outros companheiros nessa extraordinária cooperação camerística.

O *Allegro* inicial do Quarteto em Sol menor, imperioso e apaixonado, deve ter soado exageradamente atormentado para os ouvintes da época, mais afeitos à música “galante” e decorativa então em voga. O *Andante* que se segue, de grande mobilidade tonal, guarda muita beleza lírica e uma notável intensidade espiritual em tom de confiança. O *Rondò* conclusivo, em Sol maior, é uma afirmação viril de uma alegria que os movimentos anteriores haviam deixado de lado.

JOHANNES BRAHMS (1833 – 1897)

Quarteto nº 1 para Piano e Cordas em Sol menor, Opus 25

O menos atormentado dos artistas do romantismo musical alemão, Brahms foi também um dos artistas mais preocupados em só revelar ao público aquilo que considerasse esteticamente perfeito. Tendo o cuidado de destruir todos os esboços de seus projetos, igualmente

jamais desejou propagar o trabalho que lhe davam as obras que criava. Por outro lado, ainda, ao manter sua vida privada bem longe da curiosidade pública, fez questão de apagar quaisquer traços que relacionassem sua produção aos fatos de sua cotidianidade.

Sabe-se, entretanto, que Brahms trabalhou durante cerca de um ano no Quarteto em Sol menor, antes de enviar uma cópia da partitura ao amigo e conselheiro Joachim, grande violinista, em setembro de 1861. No mês seguinte, o compositor recebeu do amigo uma carta na qual o primeiro movimento do Quarteto era severamente condenado, tanto pela escolha dos temas quanto pela forma, considerada excessivamente livre. Entretanto, sem considerar dessa vez a opinião de Joachim, Brahms apresentou sua nova obra ao público de Hamburgo em novembro do mesmo ano, tendo a amiga adorada Clara Wieck-Schumann na parte do piano.

Ouvido hoje, o Quarteto para Piano e Cordas nº 1 em Sol menor continua a passar a impressão de exuberância juvenil de um gênio que, aos 28 anos, cultivava fundamentalmente a música de câmara. Cheio de ímpeto, o *Allegro* inicial trata a forma-sonata com fantástica liberdade, revelando o manejo de idéias fartas, exuberantes. No lugar do esperado *Scherzo*, Brahms propôs um *Intermezzo* (*Allegro ma non troppo*) que é, como disse Claude Rostand, um desses movimentos sonhadores, de uma poesia docemente melancólica que denuncia a origem nórdica do seu autor.

O convencional movimento lento, um *Andante con moto*, é um grande *lied* tripartido, baseado em temas cantantes e apaixonados. O movimento final, o *Rondò alla zingarese*, é de construção bastante livre, evocando a música cigana da época com irresistível *élan*.

Brahms transcreveria a partitura para dois pianos e, em nosso século, ela seria magistralmente orquestrada por Arnold Schoenberg.



Edição RUI FONTANA LOPEZ

Projeto gráfico CARLO ZUFFELLATO e PAULO HUMBERTO L. ALMEIDA

Editoração eletrônica BVDA / BRASIL VERDE

Traduções MARIA CLÁUDIA FITTIPALDI

Fotolitos e impressão OESP GRÁFICA

Ligando para (021) 253-3461, você recebe um exemplar de VivaMúsica! inteiramente grátis (Mas por favor, nada de celular dentro do teatro).

ANO 1 Nº 7 JUNHO 1995 R\$ 6,00

ANO 2 Nº 13 MARÇO 1996 R\$ 6,00

ANO 1 Nº 11 NOVEMBRO 1995 R\$ 6,00

VivaM

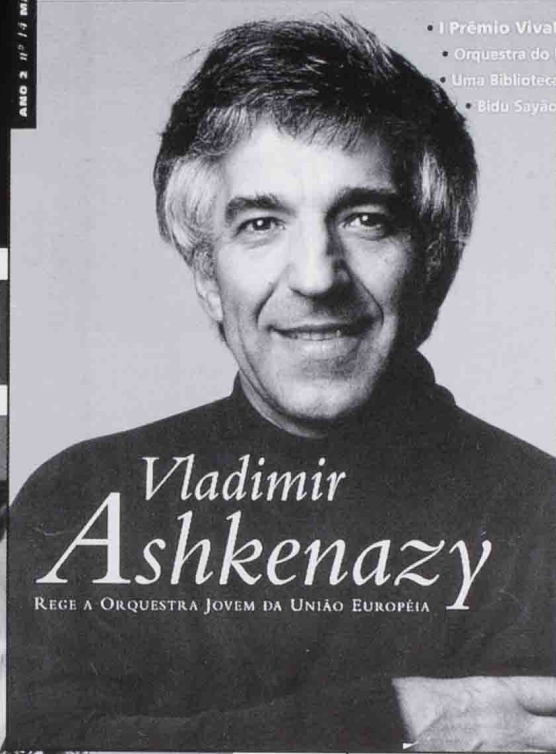


Cecilia Bartoli

Mezzo-soprano superstar

Festival de Salzburgo • Promoções de CDs e ingressos para assinantes • CDs de Rostropovitch, Temirkanov e Bartoli em oferta
O Dossiê Musical de Mariuccia Iacolino

VivaMúsica!



Vladimir Ashkenazy

REGÊ A ORQUESTRA JOVEM DA UNIÃO EUROPEIA

- I Prêmio Viva
- Orquestra do
- Uma Biblioteca
- Bidu Sayão

VivaMúsica!



Nelson Freire

ENTREVISTA EXCLUSIVA

CLASSIC FM • Steven Isserlis • BIENAL DE MÚSICA CONTEMPORÂNEA
• Cem Anos de Hindemith • CDs WARNER CLASSICS EM OFERTA

Na revista VivaMúsica!, o amante dos clássicos encontra todas as informações para se manter sempre atualizado. Entre elas, uma agenda nacional e internacional com os principais eventos, entrevistas exclusivas com destaques do mundo da música, apreciações críticas dos principais lançamentos em CD, vídeo e CD-ROM, a opinião

de personalidades do meio musical e a colaboração dos mais importantes especialistas do país. Além disso, o assinante de VivaMúsica! participa de diversas promoções mensais e pode comprar e receber em casa os CDs do mês, selecionados pelos editores da revista. Ligue e peça seu exemplar. Mas espere a cortina fechar para não atrapalhar o espetáculo.

Av. Rio Branco, 45/1401 - CEP 20090-003 - RJ
Fax: (021) 263-6282
Internet: <http://www.brazilweb.com/vivamusica/>

VivaMúsica!

A revista dos clássicos.

Abril 8 - 18 - 22

Dame Kiri Te Kanawa, *soprano*

Abril 14 - 15 - 16

Collegium Vocale

Philippe Herreweghe, *regência*

Maio 20 - 21 - 22

Jean-Yves Thibaudet, *piano*

Junho 2 - 3 - 4

Orpheus Chamber Orchestra

Radu Lupu, *piano*

Junho 23 - 24 - 25

Os Virtuoses de Moscou

Vladimir Spivakov, *regência e violino*

Julho 2 - 3 - 4

Alban Berg Quartet, *cordas*

Agosto 27 - 28 - 29

City of Birmingham Symphony Orchestra

Sir Simon Rattle, *regência*

Setembro 15 - 16 - 17

Melos Quartet e Martin Lovett, *cordas*

Outubro 6 - 7 - 8

Gustav Leonhardt, *cravo*

Novembro 11 - 12 - 13

Orchestre Philharmonique de Strasbourg

Theodor Guschlbauer, *regência*

Nelson Freire, *piano*

Ars longa, vita brevis.



Burle Marx, painel e piso.
Hall de entrada do edifício-sede
do Banco Safra em São Paulo.

Tudo o que é feito com arte atravessa
o tempo. Tudo o que o Safra faz, tem
arte. Desde a arquitetura de sua sede
e suas agências, até a maneira de
prestar serviço aos clientes.
Porque arte é a busca da beleza e da
perfeição - e isso é fundamental para
a realização de bons negócios.



Banco Safra

Tradição Secular de Segurança